
**A RELAÇÃO DE FORÇAS
ENTRE O PACTO DE VARSÓVIA E A NATO**

A. E. Sacchetti

A RELAÇÃO DE FORÇAS ENTRE O PACTO DE VARSÓVIA E A NATO

I. Introdução

Antes de abordar o tema «A relação de forças entre o Pacto de Varsóvia e a NATO», parece conveniente começar por comentar alguns conceitos com ele relacionados.

A primeira observação diz respeito à própria designação do tema. É frequente ver traduzir o título «Military Balance», que a NATO e os países de língua inglesa normalmente usam para referir este assunto, por «equilíbrio militar» ou por «correlação de forças».

Porém, o termo «equilíbrio» não se pode aplicar à situação actual, correspondendo apenas a um objectivo do Ocidente, como primeiro passo para uma desejável redução de armamento. O termo «correlação de forças» foi lançado pela União Soviética, quando pretendeu que fosse aceite a sua eventual superioridade militar, e a justificou pela necessidade de defender um território mais extenso do que os de todos os países da NATO juntos⁽¹⁾, e pelo facto de estar a enfrentar a hostilidade de quatro potências nucleares.

Esta divergência de objectivos, associada a critérios de avaliação de forças intencionalmente diferentes, tem dificultado todas as conversações sobre limitações de armamentos.

O segundo aspecto que será oportuno referir está relacionado com a fórmula normalmente apresentada para caracterizar o Poder

$$P = V \times C$$

O Poder é igual ao produto da Vontade pela Capacidade. Neste trabalho deveria tratar-se apenas o factor capacidade, isto é comparar os meios de que dispõem os dois blocos, em efectivos, número de armas ou de sistemas de forças, suas características, treino, comando, disciplina, etc.

(1) Países da NATO = 22 249 200 km²; URSS = 22 402 200 km²; China = 9 596 961 km².

Mas não se poderá nunca esquecer que se o factor vontade for nulo, é nulo também o produto, independentemente dos resultados a que nos conduzam a comparação das capacidades.

A realidade expressa por esta fórmula tem aceitação em ambos os blocos. Ela foi traduzida por palavras, de um modo bastante conciso, no Relatório do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, no 26.º Congresso do Partido: «A sólida fusão dos equipamentos técnicos mais modernos, da perícia militar e do espírito moral indestrutível, tal é o potencial combativo das Forças Armadas soviéticas.»

Esta frase vem transcrita nas páginas centrais da «Revista Militar Soviética» n.º 10, de 1981, como legenda de uma série de fotografias enaltecendo o aparelho militar. A capa deste mesmo número apresenta a palavra «PAZ» em oito línguas. Significativamente, no «interior» defendem-se a vontade e o patriotismo, no «exterior» divulgam-se sentimentos pacifistas.

O terceiro aspecto a focar está relacionado com as definições de estratégia e de dissuasão e ainda com as consequências do rápido desenvolvimento tecnológico.

Como se sabe, a estratégia pode ser definida como «a ciência e a arte que procura gerar, organizar e empregar a força, para alcançar os objectivos definidos pela política» (2).

Compete portanto à estratégia gerar e organizar a força, isto é, indicar os meios necessários que, racionalmente utilizados, permitirão alcançar os objectivos. Na verdade, sempre se considerou que «é a estratégia que define os meios e não são estes que definem a estratégia» (3).

Por outro lado, a dissuasão, ou noção de que o preço da agressão será demasiado elevado face às vantagens alcançáveis, só terá credibilidade se se basear num relativo equilíbrio de forças e também numa certa dúvida quanto ao valor ou capacidade dessas forças.

Ora, após a II Guerra Mundial, a URSS não acompanhou a desmobilização ao Ocidente, o que lhe permitiu, desde logo, obter superioridade em forças convencionais.

A URSS precisava dos seus exércitos. Staline disse a Tito, em Abril de 1945: «Quem ocupa um território impõe também nele o seu próprio

(2) Coronel Loureiro dos Santos, «A estratégia de dissuasão», conferência no IDN, 18Jan82.

(3) C/Almirante Henry E. Eccles, U. S. Navy.

sistema social. Cada um impõe o seu próprio sistema, quando o seu exército o permite conseguir.» (4)

Posteriormente, a União Soviética lançou-se no fabrico acelerado de armas nucleares, preocupando-se essencialmente com aspectos quantitativos, o que lhe permitiu passar sucessivamente de uma situação de nítida inferioridade em relação aos Estados Unidos, a uma situação de paridade e, mais tarde, mesmo de superioridade em alguns aspectos, tais como o número e a potência das armas.

Nesta corrida aos armamentos, os arsenais atingiram níveis que ultrapassam em muito o considerado necessário para a total destruição do adversário, em caso de guerra. A potência total das armas nucleares existentes é equivalente a dez toneladas de alto explosivo por habitante da Terra. Mas, por outro lado, afirma-se que, por exemplo, só a força de mísseis POLARIS da Inglaterra já permite infligir «danos inaceitáveis» à União Soviética. Esta contradição e esta capacidade de «sobrematar», como referiu o Almirante Eberle (5) poderá contribuir para reforçar as atitudes pacifistas que vêm minando o apoio público, mesmo às forças convencionais.

O desenvolvimento tecnológico já na II Guerra Mundial teve uma importância extraordinária. Basta recordar o aparecimento dos sistemas de detecção ASDIC e RADAR na Batalha do Atlântico e as consequências do lançamento das duas bombas atómicas sobre o Japão. Hoje, essa importância é cada vez maior.

Sendo irrelevante manter a dissuasão à custa do emprego de mais armas, tem-se procurado a sua substituição por outras mais precisas, menos vulneráveis e com maior capacidade de penetração.

Assim, hoje, e ao contrário do que sucedeu nas primeiras décadas do pós-guerra, o grande volume dos arsenais é talvez mais uma consequência da procura constante de armas mais sofisticadas e eficientes do que da necessidade de constituir forças numericamente importantes. Nestas condições, torna-se cada vez menos significativa a simples comparação de números.

(4) Pedro Varanda de Castro, «Yalta: o leilão da Polónia», *Expresso*, 6Fev82.

(5) Almirante Sir James Eberle, «Maritime Strategy — Opening remarks», *Navy International*, Dez81, pág. 713.

E há tremendas dúvidas sobre a eficiência das armas do eventual adversário. As armas mais modernas, tal como os sistemas de defesa, ainda não foram verdadeiramente testadas. Sobre as características dos novos sistemas de armas soviéticas pouco transparece. O que se conhece é baseado em observações à distância e análise, hoje já bastante perfeita, mas efectuadas por técnicos ocidentais à custa da experiência e conhecimentos desses peritos ocidentais, em laboratórios, campos de experiências ou jogos de guerra concebidos por ocidentais, que se desenvolvem em calmas situações de paz ou em ambientes de guerra artificiais. A capacidade para tirar bom rendimento dessas armas em situações reais de guerra é ainda uma grande incógnita.

Entidades responsáveis dos países da NATO têm admitido que o avanço tecnológico, a tradição, a experiência e o treino das forças ocidentais podem ainda superar, em muitos aspectos, o desfavorável desequilíbrio das armas.

Postas estas considerações, referir-se-ão agora alguns números.

Para isso, os sistemas de forças a relacionar foram agrupados do seguinte modo:



II. ICBM's — Mísseis Balísticos Intercontinentais

Ao comparar os mísseis balísticos intercontinentais interessa considerar: o número de vectores, o alcance, a precisão, o número de cargas explosivas por ogiva e a potência dessas cargas.

Pelo Quadro 1 (⁶), vê-se que é nítida a superioridade da União Soviética em relação aos Estados Unidos, no que se refere ao número de mísseis, ao número e à potência das ogivas.

QUADRO 1
MISSEIS BALÍSTICOS INTERCONTINENTAIS
(ICBM's)
1981

N.º	TIPO	ALCANCE (km)	OGIVAS	ANO	
EUA = 1052					
52	TITAN II	15 000	1 x 9 MT	1962	
450	MINUTEMAN II	11 300	1 x 1-2 MT	1966	
550	MINUTETMAN III	13 000	3 MIRV	1970	
URSS = 1398					
580	SS-11	MOD. 1	10 500	1 x 1-2 MT	1966
		MOD. 2		3 MIRV	
60	SS-13	10 000	1 x 1 MT	1968	
150	SS-17	MOD. 1	10 000	4 MIRV	1975
		MOD. 2		1 x 5 MT	
308	SS-18	MOD. 1	10 500	1 x 18-25 MT	1975
		MOD. 2	9 300	2 MIRV	
		MOD. 3	10 500	1 x ?	
		MOD. 4	?	1 x 10-50 MT	
300	SS-19	MOD. 1	11 000	6 MIRV	1975
		MOD. 2	10 200	1 x 5 MT	?

(1 MT, equivalente a 1 milhão de tons. de TNT).

(⁶) A grande maioria dos elementos indicados nos quadros 1 a 6, 8, 9, 11 e 12, foi extraída do *Military Balance 1981-1982*, IISS, Londres.

Nos ICBM's norte-americanos, após 1970, apenas se registou a modernização dos MINUTEMAN III, substituindo as ogivas simples por ogivas MIRV (7).

Mas a União Soviética tem vindo a modernizar a sua força de mísseis intercontinentais, desde 1975. Os SS-17, SS-18 e SS-19, a maioria com ogivas MIRV, são muito mais precisos do que os anteriores; considera-se que uma parte apenas desta força nuclear pode, num só ataque, destruir todos os ICBM's norte-americanos, nos seus silos. Esta nova geração de mísseis permitiu aos soviéticos ultrapassar os norte-americanos também no potencial de destruição rápida de alvos fortemente protegidos («time-urgent hard target kill potential») (8); este potencial depende de dois factores, a precisão e a potência da carga explosiva. Em face disso, os Estados Unidos reforçaram os silos dos MINUTEMAN III, embora sem conseguir inteiramente a sua invulnerabilidade.

Assim, em 1975 iniciou-se um período de nítida inferioridade dos EUA em relação à URSS; abriu-se a «janela da vulnerabilidade» (9), janela que só se fechará, provavelmente, em 1989, quando estiverem operacionais os novos 200 mísseis MX (10).

Embora o tipo da sua instalação no terreno ainda não esteja decidido, admite-se que cada míssil disporá de uma rede de 26 abrigos distribuídos ao longo de uma pista circular de cerca de 20 quilómetros, entre os quais se desloca frequentemente, num veículo transportador-erector-lançador, de modo a não permitir a sua localização exacta. O primeiro teste de lançamento de um modelo do MX (com as mesmas dimensões, forma e peso, mas sem ogiva nem equipamento electrónico) efectuou-se

(7) As ogivas simples foram inicialmente substituídas por ogivas de cargas múltiplas (MRV — Multiple Re-entry Vehicle), que não eram orientáveis e, portanto, apenas alargavam a área de impacto, aumentando a probabilidade de atingir o alvo. Aperfeiçoamentos posteriores introduziram a ogiva de múltiplos veículos de reentrada na atmosfera orientável independentemente (MIRV — Multiple Independently-targetable Re-entry Vehicle), podendo, a partir da ogiva e antes da reentrada, orientar-se cada carga em direcção ao seu alvo. Brevemente devem ser instaladas ogivas MARV (Manoeuvable Re-entry Vehicle) com sistemas mais perfeitos de orientação das próprias cargas, após se terem separado da ogiva.

(8) Os bombardeiros estratégicos não são, actualmente, incluídos no potencial de destruição «rápida» de alvos fortemente protegidos (ex: silos), dado o tempo relativamente longo que gastam para alcançar o alvo. Deverão vir a ser incluídos neste potencial quando estiverem dotados com os novos mísseis de cruzeiro (ALCM).

(9) «East-West struggle», *The Economist*, 26Dez81, pág. 44.

já em princípios de Fevereiro de 1982⁽¹¹⁾ e o primeiro teste de um míssil real está previsto para Janeiro de 1983⁽¹⁰⁾.

Entretanto, e como referiu o General David Jones, USAF, Presidente do Estado-Maior Conjunto, os Estados Unidos enfrentarão, «durante a maior parte desta década, um período de elevado risco e grande incerteza, na relação de forças estratégicas». Esta situação é uma consequência de «quinze anos de negligência estratégica»⁽¹²⁾.

III. SLBM — Mísseis balísticos lançados por submarinos

Os submarinos lançadores de mísseis balísticos de propulsão quer nuclear (SSBN) quer diesel (SSB), constituem o ramo menos vulnerável da «Triada» nuclear estratégica, uma vez que ainda é impossível mantê-los como alvo de um ataque «preemptivo»⁽¹³⁾.

Ao contrário do que sucede com os mísseis balísticos intercontinentais, a força de submarinos estratégicos dos países ocidentais está distribuída pelos Estados Unidos da América, Reino Unido e França.

No que se refere a números totais de submarinos, de mísseis balísticos lançados por submarinos (SLBM) e de megatonelagem, há uma vantagem razoável da União Soviética em relação aos países do Ocidente (Quadro 2).

No entanto, todos os submarinos ocidentais são de propulsão nuclear, o que lhes confere uma grande autonomia; a União Soviética tem quinze submarinos de propulsão diesel, da classe GOLF e está a reconverter alguns submarinos de propulsão nuclear da classe YANKEE I em submarinos de ataque, por serem demasiado velhos (actualmente estão em reconversão mais cinco submarinos). Além disso, os mísseis ocidentais, com excepção dos franceses, são de ogivas múltiplas, a maioria do tipo MIRV (Quadro 3); dos mísseis soviéticos, apenas dois modelos estão dotados de ogivas múltiplas, e apenas num a ogiva é do tipo MIRV. Assim, o número de cargas nucleares que os mísseis ocidentais podem lançar é mais do que três vezes superior ao das cargas nucleares soviéticas.

⁽¹⁰⁾ General David C. Jones, USAF, *Military Posture for Fy 1981*, pág. 41.

⁽¹¹⁾ «Fleding Flight of the new bird», *Time*, 22Fev82, pág. 39.

⁽¹²⁾ General David C. Jones, *op. cit.*, pág. iii.

⁽¹³⁾ Vem sendo designado «ataque preemptivo» o que se realiza por antecipação a um ataque iminente do adversário. «Ataque preventivo» é aquele que se efectua com uma maior antecedência e visa evitar que o inimigo alcance o poder suficiente para constituir uma grave ameaça. O recente ataque israelita à central nuclear iraquiana foi, segundo o ponto de vista israelita, um ataque preventivo que visava evitar que o iraque fabricasse armas nucleares.

QUADRO 2
SUBMARINOS LANÇADORES DE MISSEIS BALÍSTICOS
 (1981)

OESTE			LESTE		
N.º	CLASSE	MISSEIS	N.º	CLASSE	MISSEIS
EUA			URSS		
31 SSBN	4 LAFAYETTE	64 TRIDENT I C4 (4 × 16)	33 SSBN	11 DELTA III	176 SS-N-18 (11 × 16)
	27 LAFAYETTE	432 POSEIDON C3 (27 × 16)		4 DELTA II	64 SS-N-8 (4 × 16)
5 SSBN	5 WASHINGTON	80 POLARIS A3 (5 × 16)		18 DELTA I	216 SS-N-8 (18 × 12)
U. K.			29 SSBN	1 YANKEE II	12 SS-NX-17
4 SSBN	4 RESOLUTION	64 POLARIS A3 (4 × 16)		10 YANKEE I	160 SS-N-6 (M1) (10 × 16)
FRANÇA				18 YANKEE I	288 SS-N-6 (M3) (18 × 16)
5 SSBN	5 REDOUTABLE	80 M-20 (5 × 16)	7 SSBN	1 HOTEL III	6 SS-N-8
				6 HOTEL II	18 SS-N-5 (3 × 6)
			15 SSB	1 GOLF III	5 SS-N-8
				1 GOLF IV	5 SS-N-6 (M2)
				13 GOLF II	39 SS-N-5 (a) (13 × 3)
TOTAIS					
45 SSBN		720 SLBN	84 SSBN/SSB		989 SLBM

(a) Não incluídos no SALT (considerados TNF pelos EUA).

QUADRO 3
MÍSSEIS BALÍSTICOS LANÇADOS POR SUBMARINOS (SLBM)
 (1981)

TIPO	N.º	ALCANCE (MN)	TIPO OGIVA	ANO
------	-----	--------------	------------	-----

EUA 576

POLARIS A3	80	2 500	3 MRV = 240	1964
POSEIDON C3	432	2 500	10 MRV = 4 320	1971
TRIDENT I C4	64	4 000	8 MIRV = 512	1980

U. K.64

POLARIS A3	64	2 500	3 MRV = 192	1967
------------	----	-------	-------------	------

FRANÇA 80

M-20	80	1 600	1 = 80	1977
------	----	-------	--------	------

TOTAL do Ocidente 720

5 344

URSS

SS-N-5	57	600	1 = 57	1964
SS-N-6	MOD. 1	160	1 300	1 = 165
	MOD. 2	5		
	MOD. 3	288	1 600	2 MRV = 576
SS-N-8	291	4 300	1 = 291	1972
SS-NX-17	12	2 700	1 = 12	1977
SS-N-18	176	4 500	3 MIRV = 528	1978

TOTAL do P. V. 989

1 629

Por outro lado, e apesar do desenvolvimento constante de toda a Marinha soviética, considera-se que os submarinos ocidentais são tecnicamente mais avançados, o material e equipamentos suportam melhor longos períodos de contínua actividade operacional e as guarnições são mais experientes e melhor treinadas.

No que respeita a estes sistemas de armas, a evolução tem sido constante, em todos os países. Os aspectos mais importantes dessa evolução são:

1. Nos EUA:

- a. Mais oito SSBM da classe LAFAYETTE devem completar no corrente ano a substituição dos mísseis POSEIDON C3, que serão abatidos, pelos modernos TRIDENT I C4;
- b. Dos cinco SSBN's da classe ALLEN recentemente desarmados, três serão reactivados, desconhecendo-se ainda quais os mísseis com que serão armados;
- c. Oito grandes SSBN's da nova classe OHIO (18 700 tons) estão em construção, tendo um já iniciado as provas de mar. É o primeiro submarino nuclear construído desde 1967. Será equipado com 24 mísseis TRIDENT I C4 e o projecto prevê a construção de onze submarinos desta classe. O programa é dispendioso e está dois anos atrasado. Há quem defenda a construção acelerada de submarinos mais pequenos, quer seja um OHIO modificado, quer um do tipo do submarino de ataque LOS ANGELES, com uns 12 a 16 TRIDENT I C4⁽¹⁴⁾. Isto porque, até 1995, todos os submarinos POLARIS e POSEIDON das classes WASHINGTON e LAFAYETTE, mesmo os reconvertidos para o TRIDENT I C4, terão de ser abatidos;
- d. Está ainda em estudo um novo SLBM, o TRIDENT D5, muito mais potente e preciso do que o modelo C4

	D5	C4
Alcance	6000 MN	4000 MN
Ogivas	14 (MIRV ou MARV)	8 (MIRV)
Peso/Carga	150 kt	100 kt

⁽¹⁴⁾ Norman Polmar, «Sea based strategic weapons», *Naval Forces*, n.º VI, Dez81.

Este novo SLBM poderá estar operacional em 1989, data em que, como já se referiu, se concluirá a instalação dos ICBM MX.

2. No Reino Unido, os POLARIS A3 serão substituídos por novos mísseis equipados com ogivas inglesas CHEVALINE (possivelmente do tipo MARV).
3. Na França:
 - a. Está em construção mais um SSBM, L'INFLEXIBLE, protótipo muito mais avançado de uma nova classe de 5 a 6 unidades;
 - b. Os mísseis M-20 estão a ser substituídos pelos M-4, com maior alcance (2100 MN) e ogivas múltiplas, tipo MIRV, de 6 cargas nucleares.
4. Na União Soviética:
 - a. O míssil SS-NX-17 com nova ogiva do tipo MIRV já foi experimentado;
 - b. Está em construção um grande submarino, o TYPHOON, que se poderá comparar ao norte-americano OHIO. Será portador de 20 mísseis SS-NX-20, com ogivas do tipo MIRV, de 12 cargas. Nos fins de 1981 foi entregue mais um DELTA III. Há mais submarinos destas duas classes, em construção.

Referiu-se mais do que uma vez o maior alcance dos novos mísseis lançados por submarinos. No entanto convém notar que o principal interesse destes grandes alcances não é a possibilidade de atingir alvos instalados bem no interior de grandes países como os EUA e a URSS, mas sim o de permitir alargar a área de patrulha dos submarinos, mantendo alvos importantes dentro do alcance dos seus mísseis. Assim, os submarinos poderão aumentar extraordinariamente a sua capacidade de sobrevivência e, conseqüentemente, de dissuasão, quer conservando-se nas águas defendidas pelo seu próprio país, quer patrulhando áreas como o Índico, com fraca concentração de navios de luta anti-submarina.

A atenção que vem sendo prestada à modernização deste sistema de armas permitiu uma redução de armamentos, sem que tivesse diminuído a capacidade de dissuasão. De 1980 a 1981 os Estados Unidos reduziram o seu arsenal de 100 SLBM e de 272 ogivas nucleares com um total de

43.2 M toneladas de potência nuclear; na União Soviética, a redução foi de apenas 14 mísseis mas, por outro lado, o número total de cargas nucleares das ogivas aumentou.

Em face do exposto poderá concluir-se, no que respeita a este ramo da TRIAD nuclear estratégica, que o desequilíbrio é favorável ao Ocidente e espera-se que esta situação se mantenha, pelo menos durante toda esta década.

IV. Bombardeiros estratégicos

O terceiro e último elemento da Triad nuclear estratégica é constituído pelos bombardeiros estratégicos. Estes têm a vantagem de poder colocar, com precisão a longa distância e em vastas áreas, cargas relativamente grandes de engenhos nucleares, bombas ou mísseis ar-superfície.

No quadro 4 comparam-se as forças de bombardeiros estratégicos do Ocidente e da URSS (os restantes países do Pacto de Varsóvia não dispõem destes aviões). No corrente ano, os 48 VULCAN B-2 ingleses deixarão de estar operacionais, devendo ser substituídos pelos TORNADO. Quanto ao BACKFIRE, o mais moderno e sofisticado avião soviético, existem várias versões, num total de 250 unidades, e continuam a ser fabricados cerca de 30 por ano. Embora várias publicações inglesas os incluam nas forças nucleares estratégicas soviéticas, os Estados Unidos consideram que lhes são atribuídas prioritariamente missões periféricas e marítimas, ainda que não excluam a possibilidade de virem a actuar como bombardeiros intercontinentais, nomeadamente se forem reabastecidos em voo.

Os números totais não parecem muito favoráveis ao Ocidente. No entanto é preciso considerar que os bombardeiros ocidentais:

- a. São tecnicamente mais avançados e com maior capacidade de penetração, nomeadamente o FB-111 A norte-americano e o MIRAGE IV A francês;
- b. São, na sua grande maioria, de longo raio de acção;
- c. Têm uma capacidade total de carga de bombas extraordinariamente superior (26,5 milhões de libras contra 14 milhões dos aviões soviéticos).

QUADRO 4

BOMBARDEIROS ESTRATÉGICOS

N.º	DESIGNAÇÃO	TIPO	RAIO DE ACÇÃO (km)	CARGA DE BOMBAS (1000t)
-----	------------	------	--------------------	-------------------------

EUA 412

347	De longo raio de acção	173 B-52 G	12 000	70
		96 B-52 H	16 000	70
		78 B-52 D	9 900	60
65	De médio raio de acção	FB-111 A	4 700	37.5

Desmontados: 223 B-52 (todas as séries).

FRANÇA 33

33	De médio raio de acção	MIRAGE IV A	3 200	16
----	------------------------	-------------	-------	----

URSS 650

150	De longo raio de acção	105 Tu-95 BEAR A/B	12 800	40
		45 Mya-4 BISON	11 200	20
500 (a)	De médio raio de acção	310 Tu-16 BADGER	6 400	20
		125 Tu-22 BLINDER	2 250	12
		65 Tu 22M BACKFIRE B	8 000	17.5

(a) Apenas 365 se encontram na URSS europeia.

ticos); o inventário norte-americano de mísseis ar-superfície é mais do que quatro vezes superior ao soviético (cerca de 1250 para 300).

Quanto à provável evolução para a presente década, salienta-se a adaptação dos B-52 G norte-americanos para o lançamento de mísseis de cruzeiro (ALCM); o programa está em curso e 16 bombardeiros já foram entregues em Dezembro de 1981. Os mísseis de cruzeiro podem destruir alvos estratégicos fortemente protegidos e têm uma capacidade de penetração muito superior à do avião lançador; este, por seu turno, poderá manter-se a maior distância das áreas densamente defendidas, aumentando largamente a sua capacidade de sobrevivência. Estão encomendados 920 ALCM's; este programa, tal como os do ICBM MX e o dos TRIDENT D5, estará concluído em meados desta década.

Os Estados Unidos, apesar de necessitarem urgentemente de substituir os B-52 mais antigos, atrasaram muito o programa do já tão discutido B-1. Entretanto os protótipos foram sofrendo modificações existindo já um modelo B-1B. Em Outubro de 1981 o Presidente Reagan deu o seu apoio ao programa de construção de 100 B-1B's e aguarda-se agora a decisão do Congresso. Este avião, com grande capacidade de penetração, pode transportar um número máximo de 38 bombas nucleares a lançar por gravidade, ou 22 novos mísseis de cruzeiro ou ainda 128 bombas convencionais⁽¹⁵⁾.

A URSS continua, como já se referiu, a construção do BACKFIRE, ao ritmo de 30 aviões por ano; admite-se ainda que esteja a preparar a construção de um novo bombardeiro e de um outro grande avião lançador de mísseis de cruzeiro, sendo possível que haja alguns operacionais em 1988⁽¹⁶⁾.

V. TNF — Forças nucleares de teatro

As actualmente designadas «forças nucleares de teatro» (TNF) existem na Europa, pelo menos desde 1959. Na verdade, nesse ano foram instalados os mísseis soviéticos de médio alcance SS-4, em 1961 os de alcance intermédio SS-5 e em 1962 as forças dos EU estacionadas na

⁽¹⁵⁾ Philip Geddes, «B-1B: The bomber which came back», *International Defence Review*, 1/1982, pág. 43.

⁽¹⁶⁾ General David C. Jones, op. cit., pág. 10.

Europa e as da República Federal da Alemanha passaram a dispor do PERSHING I A, de curto alcance⁽¹⁷⁾.

Até meados da década de 70 a situação foi aceite sem grande controvérsia, porque:

- a. Todos os mísseis balísticos eram pouco precisos;
- b. Os PERSHING I A não atingem a URSS;
- c. O Ocidente admitiu que os SS-4 e SS-5 seriam usados apenas numa salva de retaliação no caso de a NATO desencadear uma ofensiva, o que estava fora de questão;
- d. A superioridade do Ocidente em armas nucleares estratégicas era indiscutível⁽¹⁸⁾.

Mas, a partir de 1974 e até fins de 1981, os soviéticos acrescentaram ao seu inventário de sistemas de armas do teatro europeu 250 mísseis SS-20, com ogiva MIRV de três cargas, 65 bombardeiros BACKFIRE, e ainda 1180 aviões de ataque ao solo FENCER e FITTER, todos com capacidade nuclear.

A relação actual das forças nucleares no teatro europeu é a que se indica nos Quadros 5 e 6. É difícil obter elementos correctos sobre estes sistemas de armas, porque não há um critério uniforme de classificação, porque os vectores são dotados de grande mobilidade e ainda porque outras plataformas do mesmo tipo das indicadas, já existentes, podem rapidamente ser dotadas de armas nucleares. Assim, por exemplo:

- a. Consideram-se apenas como armas nucleares de teatro, as de médio e longo alcance, isto é, com mais do que 160 km de alcance, o

⁽¹⁷⁾ Na classificação dos mísseis balísticos, quanto ao alcance, é geralmente adoptado o seguinte critério:

ICBM (intercontinentais) — mais do que 3500 MN (6400 km)
IRBM de alcance intermédio — 1300 MN (2400 km) - 3500 MN
MRBM (de médio alcance) — 430 MN (800 km) - 1300 MN
SRBM (de curto alcance) — menos de 430 MN.

Para as forças nucleares de teatro, a classificação é:

Curto alcance — menos de 100 km
Médio alcance — 100 km a 1000 km
Longo alcance — mais de 1000 km.

Estão abrangidos pelo acordo SALT os mísseis balísticos com alcance superior a 5500 km (cerca de 3418 milhas terrestres).

⁽¹⁸⁾ «UK/NATO nuclear options for the 1980's», *International Defense Review*, n.º 9/1979, Suíça, pág. 1487.

- que as diferencia das armas táticas, e com menos do que os 5500 km de raio de acção, o que as exclui dos acordos SALT;
- b. Foram incluídos os mísseis S2/3 franceses, com um alcance de 3000 km, embora eles façam parte da TRIAD nuclear estratégica da França;

QUADRO 5
FORÇAS NUCLEARES DE TEATRO
(TNF)

SISTEMAS DE ARMAS	NATO	P. V.
IRBM	18	290 (a)
MRBM	—	340
SRBM	180	668
SLBM	144 (b)	39 (c)
SUBTOTAL	342	1 337
AVIÕES (base em terra)	1 098	3 095
AVIÕES (embarcados) (d)	72	—
SUBTOTAL	1 170	3 095
TOTAL	1 1512	4 432

(a) 250 são SS-20.

(b) Admite-se que mais 80 POSEIDON C3 possam ficar sob o Comando do SACEUR.

(c) Apenas os não abrangidos por SALT.

(d) Consideram-se na área:

2 porta-aviões dos EUA.

1 dos dois porta-aviões franceses.

- c. Admite-se que dois porta-aviões norte-americanos e um francês se encontrarão numa posição que lhes permita manter os alvos do Pacto de Varsóvia ao alcance dos seus aviões;
- d. Considera-se que os Estados Unidos, enquanto o actual desnível de forças se mantiver, poderão colocar sob as ordens do SACEUR

QUADRO 6
FORÇAS NUCLEARES DE TEATRO
(TNF)

NATO					PACTO DE VARSÓVIA			
MISSEIS BALÍSTICOS	SISTEMA ARMAS	ALCANCE R. ACÇÃO (km)	OGIVAS/SISTEMA	N.º	SISTEMA ARAMAS	ALCANCE R. ACÇÃO (km)	OGIVAS/SISTEMA	N.º
	SS BS S 2/3 (FR)	3 000	1	18	SS-20	5 000	3	250
	PERSHING 1A 72-RFA	720	1	180	SS-5	4 100	1	40
	POLARIS A3 (R. U.)	4 600	1 (a)	64	SS-4	1 900	1	340
	MSBS M-20 (FR)	3 000	1	80	SS-12	900	1	668
	POSEIDON C-3 (c)				SCUD B (18-RDA)	300	1	
					SS-N-5 (b)	1 120	1	39
TOTALIS			342	342	TOTALIS		1 837	1 837
AVIOES	VULCAN B-2 (UK)	2 800	2	57	Tu-22M/26 BACFIRE B	4 025	4	65
	F-111 E/F	1 900	2	156	Tu-16 BADGER	2 800	2	310
	MIRAGE IV A (FR)	1 600	1	33	Tu-22 BLINDER	3 100	2	125
	BUCCANNER (UK)	950	2	60	Su-24 (Su-19) FENCER	1 600	2	480
	F-104 (BLE, RFA, GR, IT, HOL, TUR)	800	1	318	MIG-27 FLOGGER D	720	1	500
	F-4 (40-TUR)	750	1	364	Su-17 FITTER C/D	600	1	700
	JAGUAR (UK, FR)	720	1	80	Su-7 FITTER A	600	1	165
	MIRAGE III E	600	1	30	MIG-21 FISHEBED J-N	400	1	750
	A-6 E	1 000	2	20				
	A-7 E	900	2	40				
	SUPER ETENDARD (FR)	560	2	12				
TOTALIS			1 515	1 170	TOTALIS		4 205	3 095
TOTAL GERAL			1 857	1 512	TOTAL GERAL		6 042	4 432

(a) Ogiva MRV (não-orientáveis).

(b) Consideram-se apenas os 39 (dos 57) não incluídos em SALT.

(c) Possivelmente, cerca de 80 SLBM (5 SSBN); às ordens do SACEUR.

uma força de cerca de 80 POSEIDONS C-3 (cerca de cinco submarinos LAFAYETTE), embora não se tenha introduzido este valor no quadro.

Face ao evidente desequilíbrio a favor do Pacto de Varsóvia as reacções são bem conhecidas. Os EUA e a URSS iniciaram conversações em Novembro de 1981, em Genebra, para a redução destas armas, falando-se mesmo na opção zero. A NATO discute entre os seus países membros a colocação em território europeu de 108 mísseis PERSHING II e 464 mísseis de cruzeiro, para a eventualidade de as negociações falharem, ou até para pressionar a URSS a negociar. A distribuição destes sistemas pelos países europeus seria a seguinte:

República Federal da Alemanha	— 108 Pershing II.
	96 Mísseis de cruzeiro.
Reino Unido	— 160 Mísseis de cruzeiro.
Itália	— 112 Mísseis de cruzeiro.
Bélgica	— 48 Mísseis de cruzeiro.
Holanda	— 48 Mísseis de cruzeiro.

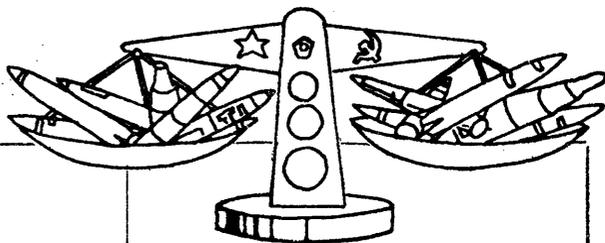
Uma das características importantes destes mísseis é a mobilidade, e, portanto, a capacidade de sobrevivência. Como disse o General Pierre Gallois, os aliados europeus não têm acompanhado a evolução e mantêm as suas forças, armas, depósitos, etc., concentrados em pontos bem conhecidos do inimigo, ao alcance das armas precisas de que ele já dispõe, e facilmente neutralizáveis nos primeiros momentos de um eventual conflito que, segundo crê, surgirá sem qualquer aviso antecipado⁽¹⁹⁾.

As dificuldades nas conversações de Genebra são imensas e os resultados difíceis de antecipar. O Ocidente procura trocar o que não tem por aquilo que concretamente já o ameaça, trocar intenções por desmantelamento de armas. Estão face a face dois interlocutores com objectivos diferentes (a paridade para um, a correlação de forças para outro), usando linguagem diferente e diferentes critérios de contagem, como se pode avaliar pelo Quadro 7, divulgado recentemente pelo «U. S. News a World Report»⁽²⁰⁾.

⁽¹⁹⁾ General Pierre Gallois, «Soviet military doctrine and european defense — NATO's obsolete concepts», *Conflict Studies*, n.º 96, 1978, pág. 13.

⁽²⁰⁾ «Hidden stakes in Geneva arms talks», *U. S. News & World Report*, 14Dez81, pág. 22.

QUADRO 7



**2 VERSIONS OF
NUCLEAR BALANCE
IN EUROPE**

U. S. Count:
Soviets Lead 7 to 1

*Intermediate-range nuclear
weapons in Europe, as defined
by the United States —*

U. S.

Missiles	0
F-111 fighter-bombers	164
F-4s	265
A-6s and A-7s	68
FB-111s (based in U. S.)	63

TOTAL 560

U. S. S. R.

SS-20s	250
SS-4s and SS-5s	350
SS-12s and SS-22s	100
SSN-5s	30
SSN-5s	
TU-26 Backfire bombers	45
TU-16 Badgers and TU-22 Blinders	350
SU-17, SU-24 and MIG-27 fighter- -bombers	2,700

TOTAL 3,852

Soviet Count:
Forces Are Equal

*Intermediate-range nuclear
weapons in Europe, as defined
by the Soviet Union —*

U. S.

Pershing I missiles (range of 400 nautical miles)	108
Fighter-bombers	555

BRITAIN

Polaris missiles	64
Vulcan bombers	56

FRANCE

Land-based missiles	18
Submarine missiles	80
Mirage IV bombers	33

WEST GERMANY

Pershing I missiles	72
---------------------------	----

TOTAL 986

U. S. S. R.

Land-based missiles	496
Submarine missiles	18
Medium-range bombers	461

TOTAL 975

Aristóteles disse: «Para aqueles que procuram em toda a parte a igualdade, ela torna-se uma fonte permanente de subversões. Há duas espécies de igualdade, uma em número, outra em mérito: em número, quando dos dois lados se encontra a mesma multidão ou a mesma grandeza; em mérito, quando existe proporção, quer aritmética... quer geométrica.»⁽²¹⁾

Dir-se-ia que nas negociações para a limitação de armamentos, os EUA procuram uma igualdade numérica e a URSS procura uma igualdade de mérito, proporcional à sua dimensão territorial e à sua percepção das ameaças.

VI. Forças terrestres

A comparação de forças terrestres apresenta ainda maiores dificuldades do que a dos sistemas de armas já referidos.

A organização militar, a estrutura orgânica das divisões e brigadas, a capacidade de reforço rápido ou de mobilização são bem diferentes de país para país. De um modo geral, as divisões do Pacto de Varsóvia têm muito menos homens do que as da NATO (cerca de 11 000 para 18 000), mas dispõem de muito mais armamento, incluindo carros de combate e outras viaturas blindadas (um máximo de 415 para cerca de 324)⁽²²⁾.

Como já foi referido, logo após a II Guerra Mundial, as forças terrestres soviéticas encontravam-se em superioridade numérica em relação às do Ocidente. Porém, várias circunstâncias levaram à alteração rápida desta situação. Salientam-se:

1. A radicalização das atitudes políticas dos dois blocos dando origem a um período de guerra fria, que teria atingido o ponto culminante com o bloqueio de Berlim, em 1948/1949.
2. A Guerra da Coreia, logo no ano seguinte (1950/1953), na qual participaram forças de alguns países ocidentais, e a consequente necessidade de rearmamento.

⁽²¹⁾ Aristóteles, *Tratado de Política*, Europa-América, pág. 151.

⁽²²⁾ O *Military Balance 1980-1981*, do IISS de Londres, indica, para uma divisão blindada dos EUA, 18 300 homens e 324 carros de combate; para uma divisão da RFA, 17 000 homens e 300 carros de combate; para uma divisão soviética, 11 000 homens e 335 carros de combate (pág. vii).

3. O desenvolvimento da capacidade nuclear da União Soviética, que levou a NATO a alterar o conceito estratégico do «arame de tropeço» (década de 50), segundo o qual reduzidas forças convencionais ao longo da fronteira teriam como principal missão comprovar um eventual ataque, o que desencadearia uma imediata resposta nuclear.
4. Simultaneamente, a resolução dos mais graves problemas de reconstrução da Europa, com a recuperação económica das principais potências e a reorganização das suas Forças Armadas.

A Europa Ocidental alcançou então a superioridade em efectivos militares. Porém, dado o desenvolvimento constante do Exército soviético, apesar de a URSS, entre 1963 e 1964, ter tido necessidade de deslocar apreciáveis forças para a sua fronteira com a China, essa superioridade apenas ligeiramente se acentuou. Hoje, como se pode ver pelo Quadro 8, a vantagem do Ocidente só se verifica em homens e em projecteis guiados anticarro.

De notar que no quadro apenas se incluem as forças soviéticas estacionadas fora da URSS, nos países aliados próximos da Frente Central (Polónia, República Democrática Alemã, Hungria e Checoslováquia). Nesta frente as forças do Pacto de Varsóvia excedem as da NATO, tanto em divisões (1,4:1), como no número total de homens, como ainda no número de carros de combate (2,5:1).

Os Estados Unidos apenas têm cinco divisões estacionadas na Europa. É talvez o único sector onde a participação europeia é substancialmente superior à norte-americana. Porém, as oito divisões de reforço imediato e dezassete das dezanove divisões de reserva indicadas no quadro pertencem aos EUA. A partir do corrente ano, cinco divisões com cerca de 90 000 homens podem reforçar os efectivos estacionados na Alemanha, no prazo de três semanas, onde utilizarão material pré-posicionado⁽²³⁾.

A União Soviética dispõe de cerca de 10 divisões e de 19 000 carros de combate na região europeia do seu território; apesar disso, considera-se que o reforço rápido das forças do Pacto de Varsóvia será mais lento do que o da NATO. Parte-se do princípio que quaisquer preparativos de reforço por parte dos soviéticos serão prontamente detectados.

(²³) «East-West struggle», *The Economist*, 26Dez81, pág. 66.

QUADRO 8
FORÇAS TERRESTRES

		NATO	P. V.	RELAÇÃO NATO/P. V.
HOMENS (Milhares)	FORÇAS ARMADAS	4 933	4 788	1,03:1
	FORÇAS TERRESTRES EUROPA	2 123	1 669 (a)	1,27:1
	RESERVAS (Todos Ramos)	4 646	7 118	1:1,53
	EUROPA	89	78	—
	REFORÇO IMEDIATO	8	10	—
	RESERVA	19	89	—
CARROS COMBATE		17 053	26 300 (b)	1:1,54
ARTILHARIA	LANÇA FOGUETES	9 502	9 980 (b)	1:1,05
	MÍSSEIS SS	355	620 (b)	1:1,75
ARMAS ANTICARRO	CANHÕES S/R	964	1 868 (b)	1:1,94
	PROJECTÉIS GUIADOS	5 784	1 437 (b)	4,03:1

(a) Inclui apenas os 881 000 militares soviéticos estacionados na Europa, fora da URSS.

(b) Estes valores podem quase duplicar com reforços provenientes da URSS.

Já no que se refere à mobilização, tanto a vontade política de mobilizar, como a capacidade para a tomada rápida de decisões e, sem dúvida alguma, o factor geográfico, serão favoráveis ao Pacto de Varsóvia. A única excepção será talvez a mobilização norueguesa para a defesa do flanco norte. De notar que a Noruega, em 1981, aceitou o pré-posicionamento, no seu território, do material de guerra a utilizar pelas forças de reforço rápido britânicas, canadianas e norte-americanas, no caso de conflito. No entanto, esse material fica armazenado a cerca de 1000 km da frente norte.

O Pacto de Varsóvia tem ainda outras vantagens, como sejam:

1. As de natureza logística, em consequência do já referido factor geográfico.
2. A do comando unificado, embora haja dúvidas quanto à lealdade de algumas forças, na eventualidade de um conflito na Europa.
3. A interoperabilidade do material e equipamentos, por serem quase todos de origem soviética.

Para além dos números apresentados e que dificilmente poderão permitir chegar a uma conclusão sobre a relação de forças, é talvez nos grandes quantitativos das forças terrestres que mais dúvidas poderão surgir quanto à apreciação de outros valores impossíveis de quantificar, tais como o moral, comando, treino, disciplina, iniciativa, etc.

Embora alguns autores afirmem que o Pacto de Varsóvia não poderá atingir a superioridade necessária para alcançar uma vitória decisiva, parece mais prudente concluir que qualquer conflito na Europa envolve riscos tremendos e tem grandes probabilidades de fazer desencadear uma guerra nuclear de incalculáveis consequências.

VII. *Forças navais e aeronavais*

Os países ocidentais continuam extraordinariamente dependentes do mar para a importação de combustíveis e de matérias-primas e, no caso de conflito, ainda para o reforço e reabastecimento da Europa. Assim, para o Ocidente é vital o livre uso do mar em tempo de paz, e o controle do mar em tempo de guerra.

A União Soviética, quase auto-suficiente, desenvolve uma estratégia marítima que visa alcançar o objectivo primário, clássico, de negar o uso do mar ao Ocidente.

Daqui resulta a necessidade de a NATO manter uma superioridade em forças navais e aeronavais que lhe permita uma contínua e adequada protecção da navegação, contra ataques que podem ser desencadeados no momento, no local e com a intensidade que o eventual adversário tem toda a liberdade de escolher.

A actual relação de forças entre a NATO e o Pacto de Varsóvia é a que se indica no Quadro 9. Esta relação de forças ainda é favorável

QUADRO 9
UNIDADES NAVAIS
(JUL1981)

DESIGNAÇÃO	EUA (a)	URSS	NATO (Inc. França)	P. V.
SUBMARINOS				
SSGN	—	47	—	47
SSG	—	22	—	22
SSN	79	52	81	52
SS	5	138	129	146
PORTA-AÉREOS	14	4	20	4
CRUZADORES	27	37	30	37
«DESTROYERS»	82	73	169	74
FRAGATAS	78	180	225	184
PEQUENAS UNIDADES	7	834	670	1 234
NAVIOS ANFÍBIOS	91	169	488	231
NAVIOS AUXILIARES	78	258	160	272
TOTAIS	461	1 814	1 972	2 302

(a) Não inclui 246 unidades diversas da «Coast Guard».

ao Ocidente, se tivermos em conta que, para a consecução dos objectivos referidos, têm interesse especial as unidades com maior capacidade oceânica (a relação dessas unidades, no que se refere às marinhas das duas super-potências, está bem patente no Quadro 10⁽²⁴⁾).

⁽²⁴⁾ *Understanding Soviet Naval Developments*, Department of the Navy, Washington, Jan81, pág. 21.

QUADRO 10

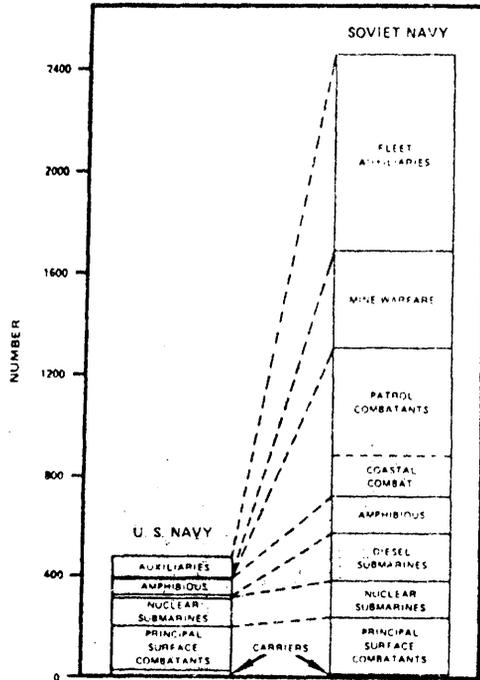


FIGURE 3
NUMBER OF ACTIVE SHIPS 1979

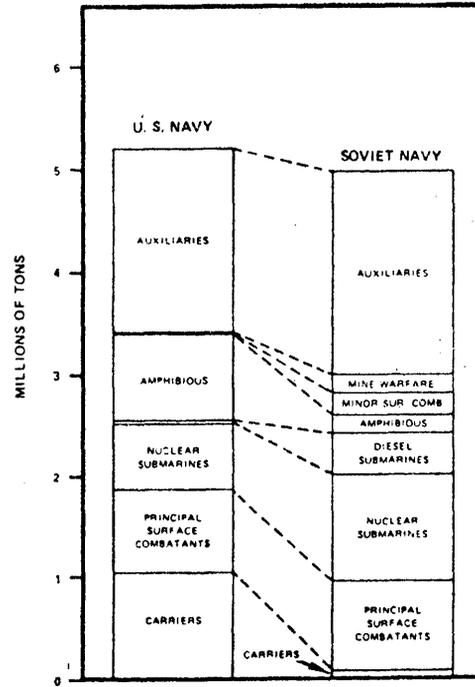


FIGURE 4
FULL LOAD DISPLACEMENT OF SHIPS IN COMMISSION 1979

No entanto, essa superioridade tem vindo a reduzir-se constantemente. Embora o número de unidades navais soviéticas não tenha aumentado substancialmente, parece que o Almirante Gorshkov, no comando da Marinha há 27 anos, conseguiu influenciar a mentalidade tradicionalmente continental dos políticos do Kremlin. Os novos navios são cada vez maiores, com maior autonomia, maiores paióis, melhor armados, e dispõem de sensores mais modernos e sofisticados. A Marinha soviética não é mais uma marinha costeira ou uma marinha de «um só tiro». Além disso, com a recente construção dos porta-aviões da classe KIEV (dois operacionais, um para entrega e o quarto em construção) a Marinha soviética passou a dispor, pela primeira vez na sua história, de aviação embarcada. Cada porta-aviões dispõe de 14 aviões de descolagem vertical Yak-36 FORGER e 16 helicópteros Ka-25 HORMONE. Admite-se que a União Soviética esteja a estudar a construção de um porta-aviões de 60 000 toneladas, com capacidade para cerca de 60 aviões⁽²⁵⁾.

A aviação naval soviética, dado o seu desenvolvimento muito recente e embora já disponha de cerca de 70 aviões BACKFIRE baseados em terra, está longe ainda de poder competir com as aviações navais dos países da NATO (ver Quadro 11).

Este vasto programa de modernização não permite concluir, de modo algum, que em aspectos como os relacionados com o comando, moral, treino, capacidade operacional, qualidade de material e desenvolvimento de conceitos tácticos, a Marinha soviética tenha ultrapassado Marinhas como as da Inglaterra, França, Estados Unidos e Canadá.

É de notar, por exemplo, que 75% das guarnições soviéticas são constituídas por militares cumprindo três anos de serviço militar obrigatório, enquanto a grande maioria das guarnições das marinhas ocidentais é de militares dos quadros permanentes ou de pessoal cumprindo mais longos períodos de serviço. Por outro lado, 60 a 75% dos navios soviéticos aguardam reparações ou grandes revisões, ao passo que, nas marinhas ocidentais, essa percentagem é de 25 a 33%⁽²⁶⁾. Para o Índico têm sido destacados os navios mais antigos da Esquadra do Pacífico; estes navios, preparados para operar em climas frios, têm tido vários problemas rela-

⁽²⁵⁾ *Soviet Military Power*, Department of Defense, Washington, pág. 41.

⁽²⁶⁾ Jürg Meister, «World naval strategy» in 1981, *Armada International*, 6/1981, págs. 31 e 32.

cionados com resistência do material e com condições de habitabilidade, quando em condições não prolongada naqueles climas quentes. Aqui as marinhas ocidentais têm larga experiência.

Este aspecto é agravado por dois factores de extrema importância: o factor geográfico, que condiciona os acessos ao mar largo e torna muito extensos e vulneráveis os trânsitos entre os portos soviéticos e as áreas de operações, e, por outro lado, o número reduzido de bases navais em áreas distantes, onde possam ter lugar reparações de vulto. Relacionando este facto com a falta de segurança ou de confiança política para o re-posicionamento de material de guerra em países estrangeiros, poderá encon-

QUADRO 11

AVIAÇÃO NAVAL NO TEATRO EUROPEU
(BASEADA EM TERRA E EMBARCADA)
(JUL1981)

TIPOS DE AVIÕES	NATO	P. V.	RELAÇÃO NATO/P. V.
BOMBARDEIROS	—	280	—
DE ATAQUE	314	127	2,47:1
CAÇAS	159	—	—
ASW	106	125	1:1,18
RECON./ECM	235	70	3,61:1
HELICÓPTEROS ASW	321	172	1,87:1

trar-se uma justificação para o interesse soviético pela construção de grandes navios auxiliares ou de reabastecimento, como o BEREZINA (de 40 000 toneladas). Além disso, a União Soviética tem possibilidade de recorrer ao apoio da marinha de comércio, controlada pelo Estado. Recorde-se que quando um submarino nuclear teve uma avaria no alto-mar, durante cerca de três dias, foi assistido por um navio de apoio à pesca. É surpreendente que em navios de apoio à pesca embarquem técnicos com conhecimentos para efectuar reparações em navios de propulsão nuclear.

No que respeita à NATO, as marinhas europeias têm vindo a especializar-se na defesa costeira ou dos mares adjacentes, na guerra de minas,

luta ASW, etc. Considera-se que, no mar alto e oceanos distantes, caberá essencialmente à Marinha dos EUA enfrentar o poder marítimo soviético

Actualmente, a construção de novas grandes unidades para as principais marinhas está a processar-se com razoável equilíbrio. Não se espera grande alteração na relação de forças já apresentada, no que se refere a números. No entanto, tudo indica que a Marinha soviética aumentará mais ainda a sua capacidade oceânica e continuará a desenvolver grandes esforços no sentido de aumentar a operacionalidade das suas unidades, o treino e a eficiência das suas guarnições.

VIII. *Forças aéreas*

A relação dos meios aéreos estacionados na Europa é a que se indica no Quadro 12. Tal como sucedeu quando da comparação das forças terrestres, os aviões estacionados no território soviético não estão indicados no quadro. Em caso de conflito, e dada a grande mobilidade destes meios, tanto os aviões estacionados na União Soviética como os estacionados nos Estados Unidos podem rapidamente elevar para mais do dobro os quantitativos apresentados. De qualquer maneira, a relação de forças é, na globalidade, favorável à NATO.

Mas também neste caso, e talvez até em especial neste caso, não são só os números que interessa considerar. Na generalidade, os aviões ocidentais são bastante superiores aos melhores aviões soviéticos. Salientam-se, por exemplo, os caças norte-americanos F-15 EAGLE (de que existem perto de 670, prevendo o programa de construções um total de 729, até 1983) e o F-16 FALCON (de que existem cerca de 450, prevendo-se a construção de um total de 1388), e ainda o avião de ataque ao solo TORNADO, que entra ao serviço das Forças Aéreas da Inglaterra, República Federal da Alemanha e Itália, estando desde já prevista a construção de 485 aviões.

Além disso, os cerca de 2000 aviões soviéticos cedidos aos países do Pacto de Varsóvia e que estão incluídos no Quadro 12 são modelos antigos.

Interessa ainda notar que o ritmo de missões que os meios aéreos ocidentais podem executar é francamente superior ao dos aviões do Pacto de Varsóvia.

No entanto, durante a década de 70, a União Soviética também modernizou a sua Força Aérea, lançando os novos aviões Su-24 FENCER, Su-17 FITTER, MIG-25 FOXBAT e MIG-23 FLOGGER. Com estes modelos, a Aviação Frontal soviética adquiriu uma capacidade ofensiva que até então não possuía. Actualmente tem estado a atribuir aviões das novas gerações dos MIG-23/27 FLOGGER e Su-17 FITTER às Forças Aéreas Tácticas estacionadas na República Democrática Alemã e na Checoslováquia. De acordo com um estudo recentemente publicado, este novo dispositivo permitirá ao Pacto de Varsóvia realizar um total de cerca de 5076 missões diversas por dia, sobre a Europa Ocidental ⁽²⁷⁾.

QUADRO 12
FORÇAS AÉREAS NO TEATRO EUROPEU
(JUL1981)

TIPOS DE AVIÕES	NATO (a)	P. V.	RELAÇÃO NATO/P. V.
BOMBARDEIROS	81	365	1:4,51
ATAQUE AO SOLO	2 293	1 755	1,31:1
CAÇAS	204	665	1:3,26
INTERCEPTORES	572	1 490	1:2,61
RECON./ECM	397	524	1:1,32
HELICÓPTEROS ARMADOS	733	156	4,70:1

(a) Não inclui os meios aéreos soviéticos estacionados na URSS.

Uma vantagem notável do Pacto de Varsóvia reside no facto de todas as suas forças aéreas serem constituídas apenas por cinco modelos de aviões, produzidos por dois fabricantes, o que, evidentemente, muito favorece os aspectos logísticos e operacionais.

Este progresso da Aviação soviética e esta vantagem do Pacto de Varsóvia não impedem que, neste âmbito e como já foi referido, a relação de forças seja favorável à NATO. Não se prevê qualquer alteração sensível no futuro próximo.

⁽²⁷⁾ Paul Rossi, «Warsaw Pact First strike capability in a possible air attack on Central Europe», *Armada International*, 3/1981, pág. 10.

IX. Conclusões

A relação de forças entre a NATO e o Pacto de Varsóvia foi nitidamente favorável, até ao início da década de 70. Hoje, embora não se possa falar em equilíbrio, terá que se reconhecer que existem vantagens pontuais para cada uma das partes.

A União Soviética conseguiu alcançar a superioridade na generalidade dos sistemas nucleares, nomeadamente os mísseis balísticos intercontinentais e as forças nucleares de teatro. Além disso, tem vindo a desenvolver um notável esforço de modernização dos seus sistemas de forças, tendo já alcançado alguns êxitos, praticamente em todos os sectores.

Entretanto, os países da NATO atravessaram um período perturbado, durante o qual os problemas da defesa foram relegados para segundo plano. Talvez para isso tenham contribuído os efeitos da guerra do Vietname, a crise do petróleo, as pressões exercidas pela opinião pública fortemente influenciada por ideias pacifistas e a dificuldade de entendimento quanto às atitudes políticas a assumir, face às intervenções soviéticas em diversos pontos do Globo.

Em 1979 a NATO procurou inverter esta tendência, decidindo aumentar as despesas com a defesa. Esta atitude recebeu novo impulso a partir de 1981, com a tomada de posse do Presidente Reagan, dos EUA. Apesar disso, grande número de programas de modernização, tais como os do bombardeiro B-1B, do TORNADO, do submarino OHIO, dos ICBM MX e das forças nucleares de teatro, têm sofrido atrasos consideráveis. De qualquer maneira, os efeitos das decisões então tomadas só em fins da década começarão a fazer-se notar. Até lá a NATO atravessará um período de relativa vulnerabilidade.

Não parece provável que a União Soviética, mesmo neste período, admita a hipótese de atacar militarmente, e com êxito, a Europa Ocidental. Qualquer iniciativa deste género teria sempre efeitos catastróficos. Mas já é possível que pretenda alcançar outros objectivos, tais como:

1. Engrandecer o prestígio da União Soviética, através do poder militar, e melhorar a sua imagem de superpotência.
2. Alcançar um poder nuclear e militar que lhe permita passar de potência dissuadida a potência dissuasora, o que lhe conferirá grande

liberdade de acção, caso pretenda intervir, sem receio de intimidações ocidentais, no que considera ser a sua área de influência.

3. Continuar a desenvolver o seu poder marítimo e aéreo, de modo a poder projectar e utilizar o poder militar a favor da política externa, em qualquer parte do Globo.
4. Estar apta a entrar com o Ocidente, e em especial com os Estados Unidos, numa competição de influências políticas no Terceiro Mundo e até numa guerra pelos recursos naturais.

Assim, embora a actual relação de forças possa evitar qualquer aventura armada na região da Europa ou da América do Norte, o desenvolvimento do poder militar soviético pode proporcionar a capacidade para interferir nos interesses vitais dos países da NATO em áreas distantes, o que, a verificar-se, não deixa de constituir uma grave ameaça à paz mundial. A terceira guerra mundial pode começar fora da Europa, ou então, como afirmou o General alemão Ulrich de Mazière, «pode verificar-se o colapso da Europa, sem que haja guerra»⁽²⁸⁾.

A. E. Sacchetti

Capitão-de-mar-e-guerra

⁽²⁸⁾ General Ulrich de Mazière, «Defense preparedness in Europe», *Armada International*, 2/1981, pág. 21.